



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOÃO CARLOS OLIVA

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-821

Entrevistado: João Carlos Oliva

Nascimento: 03/03/1960

Local da entrevista: ESEFID

Entrevistadora: Natália Bender

Data da entrevista: 27/11/2017

Transcrição: Natália Bender

Copidesque: Natália Bender

Pesquisa: Natália Bender

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 25 minutos e 54 segundos

Páginas Digitadas: 14 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Natália Bender intitulado *A Ginástica Artística no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Iniciação e carreira na Ginástica; Núcleo de Base do Esporte de Alto Rendimento na ESEF; Carreira da atleta Adrian Gomes; Período em que a Adrian treinou no Núcleo de Base; Funcionamento do Núcleo de Base; Expectativa para a atleta se tornar técnica; Dor e a lesão nos Jogos Olímpicos; Comissão técnica da seleção brasileira; Bolsa atleta; Final da carreira da Adrian; Dificuldades das ginastas em se manter no peso; Disciplina.

Porto Alegre, 27 de novembro de 2017. Entrevista com João Carlos Oliva a cargo da pesquisadora Natália Bender para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

N.B. – Primeiramente boa tarde professor. Eu queria que tu começasse nos contando um pouquinho como foi a tua inserção na ginástica, e um pouco da tua trajetória.

J.O. – Desde os anos primórdios [Riso]. Então assim, eu fui ginasta... Eu vou tentar ser bem enxuto tá. Eu fui ginasta, na época era Sogipa¹, então, trabalhei como atleta anos e anos na Sogipa, doze anos de atleta. Depois no decorrer eu estava entrando na faculdade, tive a oportunidade de entrar aqui na UFRGS², já ao mesmo tempo como técnico auxiliar do Jairo Brandão³, que era o técnico na época da Sogipa. No decorrer nós estávamos se para o novo ginásio e o CETE⁴, nós usávamos o CETE também naquela época... E o Jairo Brandão naquela época não achou interessante se deslocar para o centro novo lá na Sogipa, e aí eu fui, ganhei a oportunidade de ter o cargo de técnico da equipe principal da Sogipa. Ao longo de quinze anos fui técnico da Sogipa, técnico da Seleção Brasileira, resultados tanto estaduais, nacionais e internacionais como técnico e clube. Atualmente sou presidente da Federação⁵ por continuidade de processo agora em uma gestão, em um trabalho administrativo na ginástica. Sempre atuando na área da ginástica.

N.B. – E aqui na ESEF a gente sabe que teve o Núcleo de Base⁶...

J.O. – Sim.

N.B. – Durante quantos anos existiu?

J.O. – Ele teve, na verdade, consecutivo ele teve quatro anos seguidos, depois teve uma interrupção de um tempo, voltou de novo mais um ano e meio e depois com as novas...

¹ Sociedade Ginástica de Porto Alegre

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul

³ Nome sujeito a ser confirmado

⁴ Centro Estadual de Treinamento Esportivo

⁵ Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul.

modelo... Ai nós estávamos entrando no ciclo olímpico e a priorização foi Olimpíada, então, ele se extinguiu bem na entrada do ciclo olímpico. Foi 2012 por ali, 2012, 2013 se extinguiu. Porque não existia mais recurso para esse projeto; o projeto vinha todo do Ministério do Esporte, na época era vinculado com a ação aqui no projeto com a participação dos equipamentos, depois veio a repercussão dos uniformes e a última coisa que a gente conseguiu... E aí o Sérgio⁷ não estava mais aqui, foi quando a gente conseguiu adquirir o treinador. Nesse tempo a Lisiane⁸ ficou contratada aqui por três anos, com o valor, depois não se renovou mais o convênio.

N.B. – Bom, como a gente sabe a Adrian⁹ treinou aqui durante um período, que acho que foi de 2009 a 2011...

J.O. – Antes da Olimpíada da Inglaterra, eu acho que não chegou a 2011, deve ter sido final de 2010 por ali, porque ela voltou para o União¹⁰, porque ela foi atleta selecionada para a Olimpíada de 2012.

N.B. – Tu lembra assim desse período que ela treinou aqui...

J.O. – Como é que foi o caso da Adrian com a Adriana¹¹, técnica do Grêmio Náutico União e a atleta Adrian. Existem aquelas situações que a atleta se posiciona nos seus limitadores, ela não tinha mais condições de render, ela não estava rendendo mais e, claro, existe uma conversa, não é uma imposição, é uma conversa em um determinado momento. “Tu vai querer investir, tu vai buscar a próxima Olimpíada? Tu vai ter que emagrecer”... É um problema sério na ginástica, o peso corporal, e ela perde rendimento em função disso, e pelo visto naquela época a Adrian estava voltada a não querer avançar, aí ela saiu.

J.C. – Em 2009?

⁶ Núcleo de Base de Ginástica Artística da ESEFID – UFRGS.

⁷ Sérgio Stringhini.

⁸ Lisiane Lewis Xerxenevsky Bergue.

⁹ Adrian Geovana Nunes Gomes.

¹⁰ Grêmio Náutico União.

¹¹ Adriana Alves.

J.O. – É, antes eu acho, foi isso aí. Em 2009 acho que ela foi acolhida aqui, eu acho, deve ter sido final de 2008 para 2009. O prazo temporal eu não vou saber dizer bem certo. O que aconteceu, acho que veio o arrependimento e ela quis voltar, mas não quis... Como foi um acerto lá, não era para retomar, ela optou em vir pra outro lugar, veio para cá. E na época o Sérgio era técnico aqui e acolheu. Nesse caso, o Sérgio começou o trabalho todo de base de novo, retomou todo ele; ele sempre foi um técnico muito perfeccionista para essas coisas assim e resgatou a atleta. Não digo resgatou integralmente, mas nas limitações que era o projeto. Porque o projeto naquela época ele ainda tinha limitação. Até o salário dele ainda era uma coisa ainda, nem sabia quando é que ia ter, tanto é que ele saiu daqui sem ter uma remuneração. Logo depois, foi ironia, entrou o projeto remunerado. Então ela teve o acolhimento aqui, não tinha muito vínculo, não tinha muita cobrança, não tinha exigência de resultados nem nada, então, ela estava no grupo, pronto, fechou. Retomou a condição técnica dela, ela mesmo acho que em consenso com o Sérgio: “Ó, aqui tu vai ter isso, isso e isso, mas tu vai ficar limitada aquilo, aquilo, aquilo outro”. Assim que ela retornou e voltou para o União, com uma situação até interessante, houve uma transição ali na passagem dela para o União que ficou chato aqui para a UFRGS. Pelo menos ali houve uma reportagem quando ela foi atleta da seleção ela podia: “Olha, quem me resgatou foi a UFRGS, eu recomencei ali, eu já tinha abandonado...”. Mas talvez ficaria uma coisa meio constrangedora para o clube atual, que na época era o União. “Ah, eu voltei...” Aí o repórter vai na hora. “Tá, então por que que tu saiu?” Ai começa a fuçar nessas partes talvez que o clube não queria também, e ela não, em nenhum momento ela homenageou ou disse: “Olha, eu fiz parte do projeto da UFRGS...”

J.C. – Mas tem uma reportagem disso?

J.O. – Teve, teve logo depois quando ela foi atleta das Olimpíadas, ai tem uma reportagem, ela foi tal tal tal, tem toda imagem, repercussão e ela falou a transição dela, como ela se preparou para a Olimpíada e não botou esse tempinho ai que ficou no espaço ai, mas foi assim.

N.B. – E pensando na importância assim do projeto, quem foram as pessoas que foram importantes para botar o projeto além do Sérgio, da Lisiane, que treinou e além de ti que enfim participou desse período?

J.O. – Os empenhos assim: eu como coordenador do projeto era só aquela parte funcional. Eu tinha que dar amparo para a estrutura funcionar aqui dentro. Na época claro, nós tínhamos um ginásio top de linha vamos dizer assim, por que ele não é mais top de linha? Os equipamentos foram se perdendo com o tempo, mas está ainda hoje um ginásio bom, para uma vida acadêmica. Dá para iniciar um alto nível técnico aqui? Dá, com as condições técnicas. É boa? É boa, não é mais o ideal como era naquela época, tanto é que até Londres que foi Olimpíada, a aparelhagem é Gymnova. O único estado que tinha esse equipamento montado era o Rio Grande do Sul, tanto é que se cogitou uma época a CBG¹² trazer as atletas para cá, ficou naquele vem, não vem, não veio, tá. A Adrian treinou bastante tempo aqui, mesmo já se acertando com o União, veio para cá para se adaptar com esses equipamentos até na época também ainda estava a Daiane¹³, mas aí depois ela encerrou a carreira dela antes de encerrar essa seleção. Então realmente, o Petersen¹⁴, que era na época o diretor, teve muito apoio administrativo, que ele tem o contato, tem até hoje, lá com o Ministério. Ele conseguiu as entradas do projeto, conseguiu bastante coisa, foi conseguindo e ia entrando aos poucos, só que é aquela coisa assim: como não tem um planejamento de esporte de alto rendimento a gente foi conseguindo aquilo que estava dentro dos projetos, mas nada naquela época a gente precisaria. “Bah, agora está bom assim”. Levava muito tempo. Depois entrou o ciclo olímpico e a proposta foi totalmente diferenciada, então, as duas pessoas que mais trabalharam aqui dentro foi o diretor na época o Ricardo Petersen como ação dele e a minha participação que eu era o apoio direto [Riso]. Até duas vezes eu tive que entrar como técnico, porque às vezes o Sérgio não podia ou a Lisiane não podia, ou a Lisiane tinha que ser árbitra, o Sérgio árbitro para poder dar também uma ajuda na estrutura, mas a nossa limitação era que não era um clube, ai não tinha como avançar mais, infelizmente.

N.B. – E além assim da Adrian, teve algum outro ginasta que iniciou aqui e hoje está competindo com certa expressividade?

¹² Confederação Brasileira de Ginástica.

¹³ Daiane dos Santos.

¹⁴ Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

J.O. – É, naquela geração do Sérgio a maioria já abandonou, todas aquelas meninas que eram da geração dele e a Adrian no caso estava nesse grupinho também, elas foram abandonando, saíram daqui direto, nenhuma foi para o clube. A única que eu posso lembrar de uma passagem é a minha própria filha, a Rafaela Oliva¹⁵, que ela treinava com a Lisiane aqui porque o colégio era de tarde, então, ela tinha que treinar de manhã. Na verdade, a Lisiane era do Grêmio Náutico União, então, ela treinava aqui no projeto para não ter que sair do colégio ainda. Ela ficou um tempo aqui, hoje ela está no União também, então houve essa transição realmente houve; ela treinava aqui, mas mesmo ela treinando aqui ela estava vinculada ao Grêmio Náutico União, isso também nunca se impossibilitou. União, Sogipa, pudesse vir treinar aqui a hora que quisesse, no momento que quisesse, porque ali era o Núcleo de Esporte de Base que estava focado para o esporte de rendimento também. Ela teve uma passagem por aqui, um ano pelo menos. Foi a única que se prevaleceu e está ainda até hoje nesse meio, as outras realmente já estavam bem mais antigas e foram abandonando, em alta só essa aí.

J.C. – Sim, na verdade eu tenho uma pergunta. Eu tenho acompanhado o trabalho da Nati¹⁶ e tem uma coisa que me chama muita atenção, João. Por exemplo, a própria Adrian, ela coloca que ela queria muito ter participado dos Jogos quando ela foi selecionada e foi até Londres para competir, que ela teria competido mesmo machucada e essa vontade assim de competir. A Adrian é uma ginasta que vem de uma família que não tem tantas condições financeiras, ela é uma atleta negra. O quanto tu acha que isso também pesou no sentido que o esporte era uma maneira dela ter um retorno financeiro das coisas? O quanto ela voltou por causa disso? O quanto ela quis se manter por causa disso, o quanto ela quis competir mesmo muito machucada por causa disso, e assim pesa muito para ela, o fato dela não ser considerada uma atleta olímpica. Então, como que tu enxerga essas questões pessoais do atleta, tu como treinador, como professor e presidente de federação que conhece todo mundo e conversa com todo mundo. Como que tu enxerga a Adrian nesse contexto?

J.O. – Sim, primeiro eu vejo que a Adrian é uma perda. Isso é fato. Perda por quê? Ela poderia muito bem ter encerrado a carreira dela e iniciar ou entrar em uma faculdade de Educação Física. Como profissional da área de Educação Física ela certamente seria uma

¹⁵ Nome sujeito a confirmação

¹⁶ Natália Bender.

excelente técnica. Talvez teria que aprender. Porque às vezes, nunca se diz assim que uma boa atleta é uma boa técnica, mas ela se perdeu também nisso. Hoje que eu saiba a área que ela está atuando é mais em estética e cabelereiro, então, financeiramente não é o problema. O problema realmente é que talvez ela não quis cursar a faculdade de Educação Física. Eu não sei até onde foi a desmotivação dela que ela quis abandonar de vez e nem quis se interessar, ou ninguém foi lá deu a mão para ela. Toda vez que eu falava com ela, eu particularmente falava com ela: “Olha Adrian, no dia que tu abandonar tua carreira atleta tu seria uma excelente técnica, pode apanhar bastante, vai ter dificuldade para começar tua carreira profissional, bom, mas com toda tua experiência...” E eu falei, eu falo isso com quase todo mundo, que é raro, volta e meia, está acontecendo... Eles não almejam o treinamento, não acho que... Não sei se a carreira foi tão desgastante que eles não querem passar por isso de novo. Eu acho que a Adrian está na mesma situação também, ela passou...

J.C. – Pois é, mas ao mesmo tempo ela aceita ser protagonista da dissertação então também ela tem uma necessidade de ser ouvida, entende?

J.O. – Não, talvez ela estava mal interpretada.

N.B. – Talvez até o que tenha acontecido, a própria questão do processo que ela tem com o clube, o que aconteceu.

J.O. – Por administrador como eu estou atuando agora eu posso falar um pouco da CBG¹⁷ e também da Federação. Ela como atleta, uma das passagens, a saída dela também foi essa dor elevada que ela tem nas costas. Ela tem uma dor crônica na coluna, isso não tem como tratar; ela entra em crise, ela tem que parar tudo, então isso foi uma coisa; a Adriana também aceitou, não então tu tem que realmente te aposentar. E ela voltou e conseguiu, aí foi foi foi, aí ela estava na seleção, já estava na Inglaterra. Aí nenhum médico vai aprovar uma atleta com indício de dor, não tem: “Vamos entrar no farmacológico e tu vai continuar treinando e competindo” que aí o risco é da Confederação e do médico e do país porque entra em uma situação bem complicada. Lá eles fazem todas aquelas avaliações e eu acho

¹⁷ Confederação Brasileira de Ginástica.

que ela pegou um crise fortíssima mesmo; ela não conseguia se movimentar mais e tu tem um prazo, só tem uma maneira de tu tirar a atleta da seleção olímpica, que foi o nome dela, por atestado médico, por tratamento e por impossibilidade de continuar na competição.

J.C. – Para poder substituir por outra?

J.O. – Para substituir por outra. Só tem essa maneira, então ali na dúvida, ela estava em condições, ela estava na porta do... Entrando quase na Vila Olímpica, e faz o quê? O o médico deu essa opção. E também concordo que é uma coisa desprestigiada do atleta, ela volta como se ela não fosse mais integrante da equipe, ela saiu da equipe, entrou eu não sei nem qual é a atleta que foi a que substituiu ela. Ela já estava lá, as duas reservas e uma foi chamada, já entrou, e ela podia ficar como segunda reserva? Não pode, ela é totalmente desvinculada da seleção porque, nesse meio tempo ainda, ainda pode vir uma outra reserva para se caso dar o azar de alguma acidental ainda tem a primeira e a segunda reserva disponível. Não pode ficar com uma atleta lá impossibilitada sem que tenha chance de entrar na seleção.

J.C. – Que engraçado, porque a reserva que não competiu é considerada atleta olímpica porque acompanha a delegação né.

J.O. – Sim, porque está na delegação

J.C. – E ela que era titular acaba perdendo esse título de atleta olímpica.

J.O. – É, talvez isso foi péssima estratégia da técnica, eu não sei, do comitê técnico. Se ela estava com uma chance de lesão, deixa ela como primeira ou segunda reserva porque pelo menos ela está ali ainda. Ela continua ali. E não é tão sofrido porque as outras sofrem mais no treinamento. Pode ser que tu consegue administrar um pouco mais o treino do que a recuperação e ai ele vai levando junto e não chega... Se ela chegou naquela crise de dor, é porque ela estava extremamente lesionada, e esse foi o azar. E tem aquele lado público. Não dá para fazer mais nada, manda embora.

J.C. – Quem era o técnico da seleção em Londres?

J.O. – Era ainda, era a Iryna¹⁸ e junto o bielorusso aquele, o Oleg Ostapenko. E esses são “É assim, assim, assim, não é assim assado”...

J.C. – E o coordenador das seleções de ginástica artística?

J.O. – Na época o das seleções ainda é o mesmo, é o... Ele é o coordenador das seleções, então ele é o primeiro responsável. Abaixo dele vem a coordenação feminina que é a Georgette Vidor certamente os dois entraram em consenso: “Não vale a pena arriscar.” Porque talvez ela estava em uma situação que quando trava, trava. E o que vamos fazer agora? Então a situação mais olha, dispensa a atleta, manda ela para casa e traz outra para fazer a adaptação, antes de entrar ainda na Vila Olímpica; ainda na entrada da Vila Olímpica as duas atletas ficam pré-convocadas no hotel e qualquer momento, quando começou a competição, até começar a competição pode entrar na vaga de uma das outras duas.

J.C. – Ela volta sem ter competido em Londres e na prática acontecesse o quê? Ela volta, pára tudo e não quer mais... Ela não procura ninguém, ela não volta para nenhum clube, ela não faz nada?

J.O. – Foi frustração dela mesmo, que foi lá, em tese ela voltou para o clube.

N.B. – Ela voltou.

J.O. – É, para o União, ela tem uma participação e volta para o União, mas a Adriana estava lá na Inglaterra, então, mas aquela coisa assim, fazer o que agora? Ela voltou, treinou mais um pouco, viu que não tinha mais expectativa... Ela mesmo: “Bom, se eu perdi a minha olimpíada...” Como é que ela vai, aí começa aquele pensamento: “Tem que treinar mais quatro anos para a próxima olimpíada”, aí nem pensar. E nesse meio tempo ela saiu, e essa repercussão foi o final de uma carreira que talvez não das melhores situações,

¹⁸ Iryna Ilyashenko

mas foi uma carreira interrompida por uma dor limitadora que é a coluna, e não tinha mais o que fazer nesse momento.

N.B. – E além do Núcleo de Base, enquanto tu estava na Federação... Tu já estava na Federação quando ela ainda era atleta?

J.O. – Sim.

N.B. – E tu teve essa relação, tu lembra como é que era a relação com ela?

J.O. – Sim, lembro. Com ela sempre aqui, a convivência aqui, até para nós seria muito bom que se ela fosse não ter continuidade como atleta, para nós ela seria uma instrutora; eu ia preparar ela para uma técnica, o Sérgio também pensou isso aí, então, a gente já estava vislumbrando. Se ela não servisse como atleta ela iria começar a ajudar o projeto, aí começaram as formalidades. Logo ela teria que começar, fazer um vestibular, teria que entrar na Educação Física e aí a gente conseguiria dar essas brechas para ela também. Infelizmente eu não sei como é que é a relação, eu não conheço os pais da Adrian, então, eu não sei qual é a relação dela com os pais, que daqui a pouco os pais não conseguiram apoiar. Ela própria Adriana: “Bah Adrian, então faz um vestibular” porque temos faculdade particular, que seja o IPA¹⁹, que seja uma PUC²⁰, talvez o próprio União ajudaria ela a pagar, como ajuda os atletas hoje.

N.B. – Pelo que eu me lembro em 2013 ela chegou a começar o curso de Educação Física, mas ela largou para seguir fazendo...

J.C. – Ela tinha bolsa atleta?

J.O. – Não, do clube sim. Da Confederação e da Federação não.

J.C. – Do Ministério não, não tinha nessa época. Ela começou em 2008 ou 2009 por aí. 2012 foi a Olimpíada, não, então tinha.

¹⁹ Instituto Porto Alegre.

²⁰ Pontifícia Universidade Católica.

N.B. – Eu cheguei a olhar no site do Ministério e teve alguns que ela recebeu sim.

J.O. – Tem, tem sim, foi em 2008 então ela pegou.

N.B. – Ela pegou, ela tinha na categoria de atleta internacional.

J.O. – Pegou todo o ciclo olímpico. O que é melhor ainda, uma bolsa mais... ela tinha, tinha apoio e tem do clube também, o clube sempre arca. E o clube, se ela continuasse treinando mesmo limitada como ela foi, ela teria espaço dentro do clube. Aí essa relação que deu esse desgaste, tanto é que esse processo iniciou agora faz pouco tempo, no ano passado se eu não me engano. Ela deve ter conhecido uma pessoa, um advogado: “Não, mas podemos ganhar na justiça.” Ela ficou, ela estava sendo avaliada pelo processo trabalhista como uma atleta que foi, tipo assim, ela tem uma lesão gerada pelo esporte, e agora provar isso é uma coisa de outro mundo, mas é o que está recorrendo. Tanto é que, é um recurso que estão buscando que é vitalício, então, eu acho que ela se desgastou demais com o clube.

J.C. – Tipo invalidez por acidente de trabalho?

J.O. – É, isso mesmo. É, ela entrou em uma roubada ali que eu acho que... Mas tudo bem, é um direito dela. Eu acho que isso nem vem ao caso na entrevista.

N.B. – E tem mais alguma coisa em relação a Adrian que tu gostaria de deixar registrado? Eu acho que ela coloca como uma questão que foi muito dificultadora foi a questão do peso, de se manter no peso, tu te lembra disso?

J.O. – Isso eu vou dizer assim, isso é geral a todas, não é só ela. Minha filha sofre com isso também e tem treze anos. Com quarenta e cinco quilos ela está ali no limite do limite, então, ela não pode nem acima nem a baixo, tem que ficar ali, porque a baixo ela perde rendimento, e acima ela perde rendimento, então, tem até aquelas faixinhas que ela tem que se manter. Isso é comum a todos os portes. O que talvez o clube falte, um pouco mais de sensibilidade para o apelo. O que é sensibilidade para o apelo? Segura um pouco mais, nós estamos com tanta carência de atleta, fica com ela mais um pouquinho, e bem assim, se

ela não vai servir futuramente como uma atleta, talvez dá espaço para ela futuramente ser uma técnica lá dentro. E o clube às vezes tem que ser pontual, ou tu está aqui ou tu está ali, um ou outro. Tu não pode ficar no meio termo porque o clube vem a cobrar disso. A atleta, aquela bolsa que ela ganhava dentro do clube, outras atletas estavam querendo essa bolsa também, então, como ela ganha e não rende mais e está não podendo mais se manter como atleta... A Adri tem que tirar dela e passar para outra. Infelizmente essa é a realidade do esporte, se tu não está... A mesma coisa se ela deixou de render a nível nacional, ela tem uma bolsa internacional, aí ela... No outro ano se ela não ganhar resultado, perde a bolsa. Então ela deve ter se sustentado até ir até a seleção, ela deve ter entrado na seleção e então até a seleção ela deve ter direito a bolsa. Depois se ela não voltar a competir um ano e ganhar um aparelho, ela não ganha nada. Primeiro, segundo e terceiro individual geral, primeiro, segundo e terceiro equipe é mais fácil; primeiro, segundo e terceiro por aparelho. Alguma pontuação tem que ter para poder pleitear a bolsa. Infelizmente eu volto a insistir porque é uma perda porque a gente tem poucos atletas... Futuro talvez uma ótima árbitra profissional, ainda mais que ela iniciou o curso de Educação Física e talvez tem que ver porque ela parou, porque pode ser que ela não conseguia nem bancar.

J.C. – Ela nunca fez curso para ser árbitra também?

J.O. – Não, não foi. É difícil as atletas se passarem para a condição de árbitra.

J.C. – E fora a questão do peso, do que tu conheceu dela, tu considerava ela uma atleta disciplinada?

J.O. – Potencialmente ela nunca gerou problema, foco, problema nenhum, nunca soube nada. Como atleta ela vai lá fazer o que ela tinha que fazer aí começou as dores na coluna que realmente se estendia cada época que entrava a dor. Mas de fugir do treino, de não querer, disciplinada a fazer tudo que tinha que fazer, nunca ouvi queixas dela, tirando essa última situação que ela está passando agora.

N.B. – Obrigada professor. Agradeço a disponibilidade.

[FINAL DA ENTREVISTA]